

AMAZÔNIA, UMA NOVA MINAMATA?

Cornelia Eckert¹
Carmen Silvia de Moraes Rial²

Resumo

Resenha do filme *Amazônia, a nova Minamata?* Do diretor Jorge Bodanzky e que tem como produtor Nuno Godolphim, um dos fundadores do Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS. O filme trata da tragédia dos Munduruku (Brasil) em contraste com a situação de Minamata (Japão) a partir de fotografias de Eugene Smith e de filmes de Noriaki Tsuchimoto sobre o fenômeno denominado o “Mal de Minamata”, com imagens dos problemas neurológicos e psicomotores nos corpos dos sobreviventes japoneses, além de entrevistas contemporâneas. O filme traz a luta dos povos indígenas, em especial da liderança Alessandra Korap, entre outros, que se dedicam ao tema do estado de saúde dos Mundurukus e reivindicam a pesquisa científica médica sobre os níveis de mercúrio na população, em denúncia ao garimpo ilegal e ao descaso do governo da gestão 2018-2022. **Palavras chave:** Amazônia. Filme. Índios. Saúde. Mercúrio. Garimpo Ilegal.

AMAZON, A NEW MINAMATA?

Abstract

Review of the movie *Amazonia, the new Minamata?* By director Jorge Bodanzky and produced by Nuno Godolphim, one of the founders of the Visual Anthropology Research Center at Federal University of Rio Grande do Sul. The film deals with the tragedy of the Munduruku (Brazil) in contrast to the situation in Minamata (Japan) based on photographs by Eugene Smith and films by Noriaki Tsuchimoto on the phenomenon known as “Minamata Disease”, with images of neurological problems and psychomotor effects in the bodies of Japanese survivors, as well as contemporary interviews. The film depicts the struggle of indigenous peoples, especially leader Alessandra Korap, among others, who are dedicated to the issue of the health status of the Munduruku and demand medical scientific research on mercury levels in the population, in denunciation of illegal mining and to the government's neglect of the 2018-2022 management.

Keywords: Indigenous. Health. Amazon. Mercury. Illegal Mining.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2023

Aceito em: 1 de abril de 2023

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: chicaeckert@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>

² Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: rial@cfh.ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7478-0917>

Em dezembro de 2020, lemos no periódico Instituto Humanitas Unisinos a reportagem de Tainá Aragão (anteriormente publicada por Amazônia Real, 26-11-2020), intitulada “Estudo revela contaminação por mercúrio de 100% dos Munduruku do Rio Tapajós”. A notícia trazia o questionamento do coordenador da pesquisa da Fiocruz, Paulo Basta, sobre se seria a Amazônia a nova Minamata. A pesquisa da Fiocruz revelou os impactos do mercúrio em áreas protegidas e povos da Floresta Amazônia comparando com a situação vivenciada pela cidade japonesa Minamata, nos anos 1950, quando milhares de pessoas morreram. Essa reportagem trazia os dados sobre os efeitos da contaminação dos rios (em especial o Rio Tapajós), e dos peixes com mercúrio usado sobretudo no garimpo ilegal conforme demonstra a pesquisa da Fiocruz em parceria com o WWF-Brasil.

Atentas às notícias sobre a contaminação dos corpos indígenas que foram noticiadas mais recentemente em consequência dos anos de negligência do governo brasileiro (2018-2022) em relação à saúde indígena, soubemos do lançamento do filme com o título homônimo ao projeto *AMAZÔNIA, A NOVA MINAMATA?*, filme de Jorge Bodanzky, lançado em importantes festivais no Brasil. Pensamos logo em resenhar esse filme, dada a importância do tema, e entramos em contato com um dos produtores executivos, Nuno Godolphim, para um acesso à obra, com o objetivo de apreciação crítica e divulgação desse trabalho cinematográfico de fôlego.

O filme tem vários aspectos importantes, mas destacamos três que consideramos fundamentais na sua eficácia para colocar uma tragédia brasileira em alto relevo. Primeiramente, constrói a tragédia dos Munduruku em contraste com a situação de Minamata a partir de fotografias de Eugene Smith e de filmes de Noriaki Tsuchimoto sobre o fenômeno denominado o “Mal de Minamata”, com imagens dos problemas neurológicos e psicomotores nos corpos dos sobreviventes japoneses, além de entrevistas contemporâneas. Ou seja, coloca o filme em uma perspectiva global, ao unir Amazônia e Japão. Uma abordagem justa, pois os ataques locais ao meio ambiente, sabemos, são ataques ao planeta como um todo. São ataques ao que o antropólogo francês Bruno de Latour designou como a *habitabilidade* do mundo. Em segundo, traz a luta dos povos indígenas, em especial da liderança Alessandra Korap, entre outros, que se dedicam ao tema do estado de saúde dos Mundurukus e reivindicam a pesquisa científica médica sobre os níveis de mercúrio na população, em denúncia ao garimpo ilegal e ao descaso do governo. Dando voz a uma mulher, o filme mostra uma característica central: o protagonismo das mulheres nos movimentos reivindicatórios atuais dos indígenas

brasileiros. Na América Latina (ou Abya Yala, para usar a denominação na língua kuna, que significa "terra em plena maturidade" ou "terra de sangue vital", e que tem sido retomada por pensadores decoloniais), a perspectiva decolonial foi responsável por uma virada epistemológica, ao defender o *bem viver* como objetivo maior, não o *progresso* da Modernidade, mas o estar em harmonia com o mundo natural. Ou, nas palavras da feminista decolonial Ochy Curiel: “o Bem-Viver é uma proposta ética de vida outra que não tem a ver com satisfações de necessidades capitalistas individuais, senão com outras maneiras de se relacionar ou com a natureza, ou entre nós mesmas e nós mesmos”. E, em terceiro, a tragédia maior de ver índios Mundurucus junto a garimpeiros, defendendo a extração do ouro por ser uma economia rentável para a população do lugar, em detrimento dos rios, dos peixes e da saúde dos habitantes locais e regionais, pela presença do mercúrio na venda da pesca, impedindo a intervenção do atendimento médico no local, ou mesmo dificultando o processo de filmagens e presença dos documentaristas.

Uma manifestação em Brasília, capital do Brasil, contra o garimpo ilegal, com representações sobre o sangue derramado, tendo a voz de uma liderança indígena, abre o filme “Amazônia, a nova Minamata”, com o grito “a gente vai morrer lutando”. O filme segue retrocedendo para um período de três anos antes, com a líder indígena Munduruku Alessandra Korap comentando que precisa relatar sobre o impacto da mineração e das hidrelétricas, ao sentenciar: se não fosse o povo indígena lutando pela natureza, o mundo não estaria vivo.

O mundo Munduruku atravessava, no passado, vários estados amazônicos, como mostra a sequência de mapas e os esclarecimentos de Jairo Saw, cacique da aldeia Sawré Aboy (Médio Tapajós). O relato fala da pertença desse povo originário à territorialidade e do impacto da colonização, reduzindo o seu domínio. O filme, que até então mostrava uma aldeia idílica e uma floresta esplendorosa, adentra o espaço ocupado pelo garimpo em plena atividade. A aparição da atividade garimpeira em plena floresta choca o espectador, que vinha sendo conduzido por uma paisagem florestal e se depara com a agressão da extração ao ambiente. A voz do inspetor da polícia federal Gustavo Geiser confirma que se trata de uma presença antiga, sendo o Rio das Tropas uma das primeiras localidades onde o ouro foi encontrado. A Professora Liz Pereira (UFPA) relata que, desde então, a situação da poluição dos rios com o mercúrio é muito grave. Os rios estão mortos, tomados de produtos químicos e tóxicos à saúde humana.

Carlos da União, que se diz dono do garimpo, declara o desejo de enriquecer como um aprendiz de seu pai, também garimpeiro. As cenas de uma escavadeira rasgando

o solo são justificadas como tecnologia importante para o acesso ao mineral. Os mineiros entrevistados trabalham em difíceis condições, mas com o objetivo maior sendo o ouro, recompensa-lhes o sacrifício, cientes das consequências ambientais com uma desculpa de que o garimpo é de pequeno impacto, diferentemente da ação de grandes mineradoras. Mas Geiser logo mostra em computadores que o estrago é muito grande, com a extenuação dos rios em pouco tempo de extração. Com a morte do bioma, os indígenas da região não têm outro meio de sobrevivência que o de depender da mediação dos garimpeiros para poderem se alimentar.

Em um sobrevoo com avião, o médico Erick Jennings, da Secretaria de Saúde Indígena, relata ao menos há 30 anos que os Mundurucus estão convivendo com mercúrio, chumbo etc. Com a voz do médico, vemos as primeiras cenas que evocam a tragédia de Minamata com os japoneses doentes pela intoxicação do mercúrio, presença irreversível nos corpos. O filme sobre Minamata, em preto e branco, mostra as pessoas e os animais adoecidos pela presença do mercúrio em seus corpos na cidade industrial de plásticos, com derramamento insustentável de produto tóxico no ambiente.

O sobrevoo realizado em 2019 traz novamente o território amazonense, com a atuação da equipe do médico Jennings sendo recebido em pequena aldeia para acessar, por barco, a aldeia Waro Apompo, no rio Cururu, onde eram esperados pelos Munduruku com seus cantos, vestes e pinturas corporais. O líder da aldeia, Raimundo Borô, já anuncia a ação predatória dos garimpeiros e a contaminação ambiental, o que justifica a presença da equipe médica que enuncia atuar em consonância e respeito às singularidades cosmológicas. Outra equipe da Fiocruz também pesquisa no Médio Tapajós e analisa as consequências da presença do mercúrio nos corpos dos Mundurucus. A liderança indígena agradece a presença da equipe de biólogos, de sanitaristas e de outros cientistas, já que o governo não os ajuda e, ao contrário, apoia o garimpo. Arnaldo Kaba, Cacique Geral do Povo Munduruku, afirma a pertença do povo à territorialidade e denuncia a presença do garimpo.

A cidade de Itaituba, Pará, está tomada de cartazes e de pequenos estabelecimentos anunciando a venda do ouro. Toda a economia gira em torno dessa extração, como testemunha um comerciante local. Mas a economia do ouro, dirá Camões Boaventura, do Ministério Público Federal, relaciona-se diretamente com o uso do mercúrio despejado ao longo do leito do rio Tapajós. Uma situação de uso do mercúrio tanto quanto de venda do ouro com negligência de controle fiscal. Alessandra Korap, a

liderança reafirma o mal que o mercúrio provocou trazendo a doença para os índios e a importância da luta deles por território e pelas florestas.

O médico, pronto para retornar às aldeias com os resultados dos exames clínicos, é abordado em Jacareacanga por indígenas a favor do garimpo que o ameaçam de queimar o avião, impedindo-o de continuar viagem. Logo, o filme traz um trecho de noticiário sobre o combate ao garimpo ilegal, e fica evidente o tenso confronto entre a polícia versus garimpeiros e índios a favor do garimpo na cidade de Jacareacanga, que protestam e querem atacar o aeroporto. Essa dissidência criada no interior do povo Munduruku é altamente problemática para o combate do garimpo ilegal. A liderança indígena explica que o apoio do presidente do Brasil de 2018 a 2022, defendendo o livre acesso do indígena ao garimpo, criou a controvérsia e aliciou os Munduruku a favor do garimpo. Ao abordar essa divisão, o filme aponta para o avanço de ideologias neoliberais entre as populações subalternas, o que inclui os indígenas.

Lideranças indígenas lembram do perigo da venda de peixes contaminados nos mercados urbanos, onde a população consome sem atender ao risco do consumo. Uma situação sem monitoramento, segundo o médico entrevistado. Comparando com os acontecimentos em Minamata, no Amazonas, onde a presença do mercúrio foi escandalosa por seus efeitos imediatos para a saúde humana, sem fiscalização, é uma tragédia silenciosa, declara a cientista. O contraste com o que aconteceu em Minamata é reforçado a partir de entrevistas com sobreviventes no Japão, como testemunha o museu local sobre a tragédia.

As lideranças indígenas alertam para os perigos da presença do garimpo e para o uso do mercúrio, que adoeceu as águas e adoeceu os peixes, um dos principais produtos na cadeia alimentar local. A contaminação por mercúrio é considerada uma “síndrome neurológica”, pois atinge a formação do cérebro e compromete o desenvolvimento psicossocial, declara Heloísa Nascimento, professora da Universidade Federal Oeste do Pará (Ufopa). Isso significa a morte do Amazonas, e só resta a eles e elas denunciar e lutar.

O aproveitamento econômico nas terras indígenas é um escárnio, e o propósito do filme é fazer ressoar a voz da líder Alessandra Munduruku, que depende da ação do Ministério Público Federal e da Secretaria Especial de Saúde Indígena para enfatizarem a importância da regulamentação da exploração de recursos mineiros, sua fiscalização e preservação do bioma amazônico em territórios indígenas.

Esse filme se soma aos esforços de uma virada decolonial. A violência das relações de dominação que estruturam a vida dos indígenas Munduruku explicita a subalternização desse povo ao domínio econômico hegemônico. Em pleno século XXI, as tensões e injustiças coloniais se replicam, e fica a pergunta sobre como este mundo ainda é possível sem uma mudança profunda, não somente epistêmica, mas das práticas de poder econômicas e políticas.

FICHA TÉCNICA

Diretor: Jorge BODANZKY

Produtor: Nuno GODOLPHIM e João RONI Diretor Assistente: Tiago CARVALHO

Roteiro: Nuno GODOLPHIM e Tiago CARVALHO Fotografia: Paulo Gambale
MAKÁ

Edição: Bruna CALLEGARI

Som: Marcelo PELLEGRINI e Ricardo ZOLLNER Trilha: David MARANHA

Personagens principais: Alessandra Korap MUNDURUKU e Erik JENNINGS

Supervisão Científica: ENSP-Fiocruz.

Consultoria de comunicação: Uma Gota no Oceano

Distribuidor Nacional: O2Play

Produtor Associado (Brasil): VÍDEOFILMES Produtor Associado (Japão): IMAGO

MACHINA Coprodução: GLOBO FILMES e GLOBO NEWS Realização: OCEAN
FILMS

REFERÊNCIAS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Estudo revela contaminação por mercúrio de 100% dos Munduruku do Rio Tapajós. *Instituto Humanitas UNISINOS*, São Leopoldo, 1º dez. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605167-estudo-revela-contaminacao-por-mercurio-de-100-dos-munduruku-do-rio-tapajos>. Acesso em dezembro 2020.

LATOURE, Bruno. Anthropology at the Time of the Anthropocene – a personal view of what is to be studied. *American Association of Anthropologists*, Washington, Dec. 2014 (draft for comments). Disp: <www.bruno-latour.fr/sites/default/files/139-AAA-Washington>. Acesso em: ago 2022.